

DIÁLOGOS ENTRE AS NARRATIVAS MITOLÓGICAS E O GÊNERO FEMININO: a força eterna da Mulher Selvagem¹

GLUSZCZAK, Aline Aparecida²

THIMÓTEO, Saulo Gomes³

Resumo

As narrativas mitológicas estão presentes nas mais diversas épocas e em todas as sociedades, tornando-se referência sob as mais diversas formas, e revelando-se como fontes múltiplas de valores e significados. Sendo assim, verificou-se a necessidade de aprofundar os estudos referentes às narrativas mitológicas e o gênero feminino. Assim, este trabalho apresenta uma análise de três narrativas mitológicas, que se encontram no livro *Princesas Guerreiras*, da escritora Janaina Tokitaka: “A Imperatriz Jingu e as contas de Jade”, “A vida Selvagem de Ártemis” e “A fuga de Yennenga”, personagens que pertencem a civilizações distintas, mas que podem ser delineadas como arquétipos de elementos da figura da “*Mulher Selvagem*”. Esta análise baseia-se principalmente nas autoras: Clarissa Pinkola Estés e Simone de Beauvoir, ambas das áreas em estudos sobre o feminismo e o feminino, e Nelly Novaes Coelho, autora da área da literatura infantil. Este estudo estabeleceu uma conexão entre o empoderamento feminino (que se firmou nas últimas décadas) e a evocação de narrativas ancestrais em que tal questão já se fazia presente.

Palavras-chave: Narrativas Mitológicas. Gênero feminino. Mulher Selvagem

Resumen

Las narrativas mitológicas están presentes en las más distintas épocas y en todas las sociedades, siendo referencia sob las más diversas formas, y revelándose como fuentes múltiples de valores y significados. Siendo así, se verificó la necesidad de profundizar los estudios referentes a las narrativas mitológicas y el género femenino. Así, este trabajo presenta un análisis de três narrativas mitológicas, que se encuentran en el libro *Princesas Guerreiras* de la escritora Janaina Tokitaka: “A Imperatriz Jingu e as contas de Jade”, “A vida Selvagem de Artémis” y “A fuga de Yennenga”, personajes que pertenecen a civilizaciones distintas, pero que pueden ser delineadas como arquétipos de elementos de la figura de la “*Mujer Salvaje*”. Este análisis se basa principalmente en las autoras: Simone de Beauvoir e Clarissa Pinkola Estés, ambas de las áreas en estudios sobre el feminismo y el femenino, y Nelly Novaes Coelho, autora de la área de literatura infantil. Este estudio establece una conexión entre el empoderamiento femenino (que se firmó en las últimas décadas) y la evocación de narrativas ancestrales en que tal cuestión ya se hacía presente.

Palabras-clave: Narrativas Mitológicas. Género Femenino. Mujer Salvaje.

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Realeza - Paraná.

³ Docente de Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Realeza-Paraná.

INTRODUÇÃO

Os mitos são narrativas tão antigas quanto a própria humanidade, podendo-se considerá-los anteriores à escrita. Todos os povos, através da oralidade, criaram e difundiram os mitos. Sendo que as mais conhecidas narrativas do Ocidente são as pertencentes à cultura greco-romana. As narrativas mitológicas são um assunto complexo, visto que envolvem povos diferentes, que possuem um significado para cada área do conhecimento, sendo assim

É costume dizer-se que quando o homem *sabe*, ele cria a história e quando *ignora*, cria o mito. Na verdade, essas duas manifestações literárias do pensamento e da palavra dos homens respondem a um mesmo desejo: a necessidade de explicar a Vida e o lugar do Homem no mundo (COELHO, 2003, p.89).

A palavra mito (*mytos*) vem do grego, seguindo uma ideia inicial de que se criaram os mitos por uma espécie de necessidade religiosa. Segundo Nelly Novaes Coelho, “mitos nascem na esfera do sagrado” (idem, p.85) e foram criados para explicar a origem do mundo e das coisas, situações simples do cotidiano, como por exemplo o amanhecer e o anoitecer, as condições meteorológicas, as estações do ano, a vida, a morte etc. Essas narrativas fantasiosas contavam com elementos sobrenaturais, elementos da natureza, Sol, Lua, astros, animais, entre outros, e se estabeleciam como formas de explicar perguntas para as quais não se tinham respostas:

[...] por empréstimo de Lévi-Strauss, o mito constituiria uma espécie de ponte, ele forneceria um “instrumento lógico”, permitindo “mediatizar” uma problemática de cultura diante da qual o homem não possui a ciência suficiente para uma resolução racional. (RAMNOUX, 1997, p.25).

Dessa forma, o mito era uma ferramenta que proporcionava conforto ao povo, em relação à curiosidade sobre o desconhecido, à origem do mundo e das coisas. É, pois, por essa necessidade que o homem possui de explicar a origem das coisas e do mundo, que se faz necessário o estudo, a retomada das raízes, ou seja, dos mitos, lembrando que:

[...] para o homem primitivo, a criação dos mitos foi uma necessidade religiosa. Para o homem moderno, a interpretação de tais mitos resultou, inicialmente, de uma necessidade científica, porque neles estaria a raiz de cada cultura e até de cada história particular (COELHO, 2003, p.89).

Retomar as raízes também se torna uma grande questão em relação ao ser feminino. Segundo Clarissa Pinkola Estés (1994), na obra *Mulheres que correm com os lobos*, é preciso retomar as raízes da “*Mulher Selvagem*”, aquela que ao longo dos séculos, como também seriam a fauna e a flora, na intenção de agradar ou adequar-se a um outro, foi reduzida no espaço,

“esmagada”, “queimada”, “saqueada”. Sendo, portanto, necessário que *La loba* seja, de fato, liberta (cf. ESTÉS, 1994, p.15)

Estés faz uma comparação entre mulheres saudáveis e os lobos saudáveis, a qual pode ser facilmente entendida, já que ambos possuem características psíquicas em comum como:

[...] percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são[...] curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhos, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem. (idem, p.16)

Entretanto a exemplo dos lobos as mulheres também foram “caçadas”, sendo que as que se mantivessem nas coleiras eram consideradas “certas”, ao passo que as que se libertassem das coleiras eram consideradas “erradas”, ou seja:

[...] as duas espécies foram perseguidas e acoçadas, sendo-lhes falsamente atribuído o fato de serem trapaceiros e vorazes, excessivamente agressivos e de terem menos valor do que seus detratores. Foram alvo daqueles que preferiram arrasar as matas virgens bem como os arredores selvagens da psique, erradicando o que fosse instintivo, sem deixar que dele restasse nenhum sinal. A atividade predatória contra os lobos e contra as mulheres por parte daqueles que não os compreendem é de semelhança surpreendente. (idem, ibidem)

Dessa forma, o presente artigo pretende analisar como a figura do ser feminino é apresentada em histórias da mitologia recontadas na atualidade. Para isso se analisara três narrativas mitológicas, presentes no livro *Princesas Guerreiras*, lançado no ano de 2017 da escritora e ilustradora paulista Janaina Tokitaka: “A Imperatriz Jingu e as contas de Jade”, “A vida Selvagem de Ártemis” e “A fuga de Yennenga”, personagens femininas pertencentes a civilizações diferentes, mas que podem ser delineadas como arquétipos de elementos da figura da *Mulher Selvagem*.

Considerando que os arquétipos são estruturas básicas do comportamento do pensar, sentir e comportar-se de uma pessoa deve-se levar em consideração que a natureza dessa mulher não é uma religião e sim uma prática, um conhecimento da alma: “A *mulher selvagem* é seu instrumento regulador, seu coração, da mesma forma que o coração humano regula o corpo físico. (idem, p. 23)

1. REVISITAÇÃO ÀS RAÍZES

As narrativas mitológicas sempre exerceram um grande fascínio, tanto na antiguidade como na contemporaneidade. Os mitos são referenciados continuamente, na forma de textos literários, pinturas, esculturas e, mais recentemente, em filmes, histórias em quadrinhos e jogos. Conforme aponta Nelly Novaes Coelho, em sua obra *O conto de fadas: símbolos, mitos arquétipos*:

Nos mitos, denuncia-se o fecundo elã inicial do homem em direção à ciência (desejo de explicar o que o rodeia); em direção à religião (desejo de explicar a si próprio, sua origem, seu destino); em direção à poesia (desejo de expressar seus sentimentos e atingir sensações irreprímíveis). Pelo mito, o homem que não sabia nada, senão que vivia, tornou vivas todas as maravilhas que tinha ao alcance de seus olhos ou de suas mãos. [...] o homem primitivo fez de cada verdade (por não sabê-la tal, por não saber prová-la como tal) um mito. Ao homem moderno corresponde fazer de cada mito uma verdade, porque o mito o encerra indiscutivelmente. (ROBLES *apud* COELHO, 2003, p.86).

A partir do desejo de compreender o sentido da vida, o sentido de si os mitos unem o homem/mulher aos/às deuses/deusas, em que essas narrativas primordiais “formam um universo atravessado por lendas, parábolas, apólogos, símbolos, arquétipos que mostram as fronteiras em que vivem os seres humanos, entre o conhecido e o mistério, entre o consciente e o inconsciente etc.” (cf. *idem*, p.89). E essa luta entre o racional e o irracional ocorre há milênios, não se tratando apenas de meras histórias, pois

[...] descobriu-se que essas narrativas ancestrais - contadas nos serões familiares ou “ao pé do fogo”, durante os longos invernos em que a neve impedia a vida ao ar livre - mais do que *mero entretenimento*, eram valiosos *meios transmissores de valores* de base dos grupos sociais, valores que eram transmitidos de geração em geração. (COELHO, 2003 p.99)

Os mitos, além de histórias carregadas de simbologia, trazem consigo valores, e essa discussão feita através dessas narrativas sobre o sentido da vida é milenar, assim como o ser feminino é milenar e precisa ser revisitado.

Até o século XIX, o papel da mulher na sociedade, na escrita, era praticamente anulado ou rebaixado, infelizmente “a verdade é que houve pouca descrição dos hábitos e das vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas, brilhantes. Muito foi escrito, porém, a respeito das fraquezas e defeitos dos seres humanos em geral e das mulheres em particular” (ESTÉS, 1994, p.24).

Simone de Beauvoir aponta, em sua obra *Le deuxième sexe* (1949), que até o século XIX a mulher não era retratada pela visão feminina e sim pelo Outro, pela visão masculina. Havia uma relação de poder, em que a mulher era tida como escrava e o homem como senhor.

O papel ocupado pelas mulheres na sociedade até então girava em torno do ambiente familiar (mãe, irmã ou esposa) ou seja, um ser silenciado, que devia obediência a seus senhores. Tanto é que, para deixar o papel social de filha e “ser livre”, precisava aceitar passivamente o papel de esposa, já que “ainda se deixa a moça na incapacidade de ganhar a vida; ela só pode vegetar como um parasita no lar paterno, ou aceitar uma posição subalterna em algum lar estranho.” (BEAUVOIR, 1980, p.190). Ou seja, a mulher só poderia libertar-se do domínio paterno, ser respeitada pela comunidade através do casamento e “não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.” (idem, p.76)

Simone de Beauvoir também ressalta a necessidade da mulher apresentar-se como tal, pois:

Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher.” [...] Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem evidente. [...] O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos [...] (idem, p.11)

Essa obrigação que Beauvoir traz de declarar “sou mulher” pode ser explicada visto que as mulheres não eram consideradas como sujeitos sócio-históricos, tanto é que a história da humanidade sempre foi contada a partir de olhos masculinos, os quais evidenciaram, como citado acima, as fraquezas femininas.

Montaigne compreendeu muito bem a arbitragem e a injustiça do destino imposto à mulher: “Não carecem de razão as mulheres quando recusam as regras que se introduzem no mundo, tanto mais quando foram os homens que as fizeram sem elas. Há, naturalmente, desentendimento e disputas entre elas e nós”; (idem, p.19)

No entanto, graças à luta de críticas feministas, que desde a década de 1970, fomentaram debates sobre a condição e o espaço ocupado pelas mulheres na sociedade e que não aceitaram sua condição de oprimidas e lutaram contra o opressor, o patriarcado, hoje podemos ter um novo olhar sobre a história. Como afirma Clarissa Estés, por mais que as mulheres fossem infantilizadas, tratadas como propriedade, mantidas como jardins sem cultivo... felizmente sempre chegava alguma semente trazida pelo vento (cf. ESTÉS, 1994, p.17).

Graças a essas sementes, a *Mulher Selvagem*, o *Self instintivo inato*, por mais soterrado, domesticado pela cultura patriarcal que esteja, é reavivado, é aberta uma porta, afinal, quando

uma mulher vai ao encontro do *selvagem*, ela está retornando para si mesma, “segundo as leis da natureza, elas têm igual direito a crescer e vicejar.” (idem, p. 21)

Essas sementes são as que causaram o rompimento dos discursos “sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcada pela marginalidade, pela submissão e resignação” (ZOLIN 2009, p.218). E são essas mesmas sementes que fazem com que a *Mulher Selvagem* seja reavivada.

O termo “selvagem” gera ambiguidade na sociedade patriarcal, sociedade essa que tinha ou tem como “modelo de mulher exemplar”, a mulher como ser submisso ao seu pai, irmão e depois entregue a um marido, ou seja, um ser silenciado, cujo papel era de se mostrar impotente, passiva, dócil, obediente. No livro *Mulheres que correm com Lobos*, o *selvagem* não é o negativo, muito menos o pejorativo, mas sim é usado “em seu sentido original, de viver uma vida natural”, de fuga das barreiras que a sociedade e a cultura impuseram às mulheres. Entretanto, como afirma Estés, por mais podada, enfraquecida, rotulada de louca, silenciada, torturada, a *mulher selvagem* sempre volta à superfície, de tal forma que até mesmo a mulher mais tranquila, mais contida guarda um canto secreto para a *Mulher Selvagem*. Nessa perspectiva que a *mulher selvagem*,

[...] do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, é a alma feminina. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. É tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto – ela é a base (ESTÉS, 1994, p.27).

Neste sentido, A *Mulher Selvagem* remete ao inconsciente coletivo analisado por Jung, ela não tem nome por ser tão vasta, ela cria todas as facetas importantes da feminilidade, pois é a alma do feminino, podendo ser encontrada nos mais diversos povos e com os mais diversos nomes, pois

A natureza selvagem não exige que a mulher tenha uma cor determinada, uma situação determinada, um estilo de vida ou classe econômica determinados. Na realidade, ela não consegue vicejar na atmosfera imposta do “politicamente correto”, ou quando é forçada a se amoldar a velhos paradigmas obsoletos. Ela viceja em visões novas e integridade individual. Ela viceja com sua própria natureza. (idem, p.37)

Exemplo disso são as três personagens que serão analisadas na sequência: Artémis, Jingu e Yennenga. Essas histórias pertencem a civilizações distintas: grega, nipônica e africana, as quais trazem consigo a *Mulher Selvagem*, o Self instintivo inato, mulheres que sabem que são um ser inteiro.

2. ÁRTEMIS: A MULHER SELVAGEM QUE ENFRENTA

Ártemis é a filha de Zeus com a bela Leto, irmã gêmea de Apolo, o deus do Sol. Como *Mulher Selvagem*, possui diversas faces, entre elas, Artemisa, Diana e Ártemis, podendo-se conectar com a evocação feita por Estés: “mulheres-lobas que representam a capacidade de caçar, farejar e resgatar aspectos da psique” (idem, p. 246). Conhecida como a deusa virgem da caça, a rainha dos bosques, com sua corte de donzelas prodigiosas, as ninfas, a deusa lunar, a mulher que vive entre as feras selvagens. Conhecida também como Artemisa, protetora de mães e filhos, já que logo ao nascer ajudou sua mãe a dar à luz seu irmão gêmeo, Apolo.

Ártemis pede a seu pai, Zeus, como presente, ser virgem para sempre, usar arco e flecha, ter o privilégio de ser portadora da luz, vestir uma capa rematada em vermelho e terminando a altura dos joelhos, além da companhia de ninfas. Essa característica de querer ser uma eterna virgem, imune à paixão, possui afinidades com o selvagem e a natureza não domesticadas, já que

A Mulher Selvagem é a saúde para todas as mulheres. Sem ela, a psicologia feminina não faz sentido. Essa mulher não domesticada é o protótipo de mulher... não importa a cultura, a época, a política, ela é sempre a mesma. Seus ciclos mudam, suas representações simbólicas mudam, mas na sua essência ela não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro (idem, p.23).

Por ser um ser inteiro, uma *Mulher Selvagem* procura antes de qualquer coisa estar conectada consigo mesma, sentir-se inteira, sentir a solidão plena e ao mesmo tempo a liberdade plena de pertencer a si, e não estar centrada em um parceiro. A deusa Ártemis, ama a liberdade a tal ponto de não aceitar ser domesticada por ninguém, desta forma a solidão se torna uma espécie de medicamento, de conexão para essa deusa.

Diante disso, na narrativa intitulada “A vida Selvagem de Ártemis”, conta-se a história da deusa passeando pela floresta, de uma forma livre que desperta até mesmo o olhar dos seres da natureza. “Um freixo antigo, ficado ao chão por raízes grossas, lançou um olhar de desdém àquela cena. – ‘A juventude passa, criaturas tolas’, resmungou, balançando suas folhas ao vento.” (TOKITAKA, 2017, p.44). Entretanto o velho freixo estava enganado, Ártemis sabia que para sempre seria jovem e veloz.

Apesar de mortais terem construído templos de mármore em sua homenagem, o único templo sagrado para a deusa era a floresta: “Enquanto estas existissem, ela correria com os animais selvagens” (idem, p.45). As florestas simbolizam para Ártemis o seu lar, ou seja, o lugar em que ela se sente inteira, uma vez que, para a *Mulher Selvagem*,

O lar é onde um pensamento ou sentimento pode ser mantido em vez de sofrer interrupções ou de ser arrancado de nós porque alguma outra coisa exige nosso tempo e atenção[...] O lar é a pura vida instintiva que funciona tão bem quanto uma engrenagem bem azeitada, onde tudo é como deveria ser, onde todos os ruídos parecem certos, a luz é boa e os cheiros nos acalmam em vez de nos deixarem alarmadas. Não é importante como passamos o tempo nesse retorno. O que é essencial é qualquer coisa que propicie o equilíbrio. O lar é isso. (ESTÉS, 1944, p.357)

No seu lar, a floresta, a deusa correu até ficar satisfeita, decidiu então banhar-se, estava na companhia de suas ninfas, no entanto Ártemis presente que não está sozinha. A exemplo de Ártemis, todas as Mulheres Selvagens precisam aprender que existem predadores, somente assim é possível movimentar-se pela floresta sem ser raptada. Além do mais ter o conhecimento de que o predador existe é tornar-se um ser maduro e sensato.

Por possuir o conhecimento selvagem, Ártemis, ao perceber que um caçador a observa, exige que ele se retire. Constata-se que, assim como no mito, em muitas situações da cultura o predador não se retira, ao contrário, desafia a *Mulher Selvagem*. No caso da história de Ártemis, dizendo: “Observo o que bem quiser, [...] “Meu nome é Acteon. Frequento estas florestas a dez anos. Elas me obedecem. Se não quiser ser vista, banhe-se em outro lugar.” (TOKITAKA, 2017, p.45). Percebe-se aqui que Acteon (ou o predador) mostra-se com ar de superioridade a Ártemis, da mesma forma que os homens, ao longo da história, apresentaram-se em relação às mulheres. A grande questão é “em vez de insultar o predador da psique, ou em vez de fugir dele, nós o desarmamos. [...] Quando nos recusamos a obsequiar o predador, sua força se esvai e ele é incapaz de agir sem nós” (ESTÉS, 1994, p.87).

E assim a deusa fez, utilizando-se de astúcia, Ártemis suspira e mais uma vez diz ao caçador que nenhum humano pode presenciar o banho de uma deusa. O caçador com um sorriso se aproxima mais dela, no entanto Ártemis o enfrenta. Segundo Estés, se o predador for ignorado, ele se tornará cada vez mais cheio de ódio e de ciúmes, com o desejo de silenciar a mulher para sempre (cf.idem, p.95).

Para que o predador seja de fato desarmado e o silenciamento da *Mulher selvagem* não aconteça, a deusa Ártemis empunhou seu arco, Acteon fez o mesmo subestimando aquela mulher, ainda dizendo: “Deusa ou mortal, que chance tem esta moça contra um caçador experiente?” (TOKITAKA, 2017, p.48). As duas flechas cortaram o ar ao mesmo tempo, a flecha de Ártemis atingiu a canela do caçador.

No trecho em questão, percebe-se que a *Mulher selvagem* sabe o que a ajudará a prosperar, reconhece o predador, sabe o que fazer a respeito e é por isso que, como aponta Estés,

as mulheres aprendem a procurar o predador em vez de espantá-lo, ignorá-lo ou de serem gentis com ele. Como aponta Beauvoir, “A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente.” (BEAUVOIR, 1980, p.260).

Ártemis, de certo modo, procurou Acteon ao invés de espantá-lo. No entanto o predador, mesmo atingido pela flecha, não se deixa abater, mostra ainda arrogância e superioridade, dizendo: “- Pode acertado seu alvo, Ártemis! Mas viverei e entrarei para a história como o primeiro humano a presenciar o banho de uma deusa!” (TOKITAKA, 2017, p.48). Nem bem acabou de falar, Acteon transformou-se em um cervo selvagem. E Ártemis tranquilamente disse: “corra Acteon pois ouço o latido dos seus cães treinados para caçar cervos e corças”(TOKITAKA, 2017, p.48).

Ártemis torna-se a deusa que aprecia a solidão visando ao cultivo da autopresença, que busca se conhecer e aceitar-se inteiramente, aquela que ama a liberdade, que vive a sua natureza instintiva que é de ser completamente livre e alegre: “mergulhou novamente nas águas profundas do lago, eternamente livre e selvagem” (idem, p.48).

A deusa Ártemis é a personificação da *Mulher Selvagem* independente, intuitiva, ligada à natureza, aquela que vem determinar comportamentos, atitudes e emoções saudáveis para todas as mulheres. Possibilitando a todas as mulheres o retorno ao selvagem, aquele ponto em que “o Eu e o Tu se beijam, o lugar onde as mulheres correm com os lobos”. (ESTÉS, 1994, p.46)

3. JINGU: A MULHER SELVAGEM QUE PROTEGE

A narrativa “A Imperatriz Jingu e as contas de Jade” traz a história de uma Imperatriz da cultura japonesa, que protege seu povo e seu filho ainda no ventre. Nesta narrativa, a fantasia e a história se mesclam

Não sabemos se, de fato, existiu no Japão uma soberana chamada Jingu [...] relatos e documentos históricos misturam-se com fantasia, e não sabemos onde termina a realidade e onde começa a lenda [...]. Conta-se que Jingu teria reinado entre 201 e 269 d.C. (TOKITAKA, 2017, p.18)

Jingu era uma *Onna Bugheisha*, ou seja, uma mulher guerreira, treinada pelos melhores mestres de Kendô. As mulheres guerreiras aprendiam artes marciais principalmente para defenderem suas casas e Jingu era uma delas. A Imperatriz conhecia qualquer arma branca forjada no reino, contudo jamais havia imaginado ocupar o Trono Crisântemo, o trono imperial do Japão.

A história começa com Jingu tendo que assumir o trono, após a morte do seu marido, tendo uma cerimônia de coroação rápida e comovente. Apesar de não estar preparada, Jingu pensou: “Mas o que seria o Japão do que meu lar acima de todos os lares?” (idem, p.19). De modo que a Imperatriz sabia que aquele povo, mais do que nunca, precisava dela. Assim como os lobos, por mais acuados e enfraquecidos, eles persistem, similarmente à ação de Jingu, a qual assumiu o trono pelo bem do seu povo demonstrando sentimento instintivo de matilha, pois:

Quando os lobos são atormentados, eles não saem dizendo, “Ah, não! De novo!!!” Eles saltam, investem, correm, desaparecem, fingem-se de mortos, pulam na garganta do agressor, fazem o que tiver que ser feito. Portanto, não podemos ficar escandalizadas com a existência de entropia, deterioração, tempos difíceis. É preciso compreender que as armadilhas preparadas para capturar a alegria da mulher irão sempre se alterar e mudar de aparência, mas na nossa própria natureza selvagem nós iremos encontrar a energia absoluta, a libido exigida por todos os atos de coragem que forem necessários (ESTÉS, 1994, p.305).

A exemplo dos lobos, a corajosa Jingu fez o que tinha que ser feito: assumiu o trono. Na cerimônia de coroação, Jingu, como nova regente, recebeu três nobres relíquias: a espada Kusanagi-no-Tsuragi; o espelho real; e duas contas de jade, amuleto dotado de poderes mágicos. Os talismãs são uma espécie de ajuda para lembrar que as forças do mundo selvagem estão próximas e as contas de jade concederam segurança a Jingu, que sentiria a presença da *Mulher Selvagem* nessa árdua batalha que enfrentaria.

Havia uma guerra eclodindo no norte. A Imperatriz reuniu seu exército, mais de cem mil homens, além da frota real: “Os navios e o exército enfileirados no horizonte[...] Os cascos abaulados e os mastros vermelhos eram ameaçadores[...] A mensagem era clara: a batalha era iminente” (TOKITAKA, 2017, p.19). Jingu fez seu pronunciamento, pediu para que voltassem para suas casas, cuidassem de suas famílias, não seria necessário arriscar a vida de um exército inteiro para resolver este conflito.

O rosto dos militares corou, porém ninguém ousou dizer nada à Imperatriz que no mesmo instante percebeu a ameaça silenciosa, dizendo:

- Sei o que estão pensando. Acham que não tenho coragem de enfrentar uma batalha, por ser mulher. Pensam que vou me render e entregar o país aos invasores. Nada disso. Sou capaz de cuidar sozinha dessa situação. Preciso de um navio sólido, bem construído e sua mais experiente tripulação. Este é o meu único pedido (TOKITAKA, 2017, p.23)

Naquele momento, Jingu soube que não enfrentaria uma, mas sim duas batalhas. A primeira batalha a vencer seria contra o desprezo e a falta de confiança que o próprio exército

tinha pela Imperatriz. Tendo como comandante uma mulher, os militares acreditavam que estavam fadados a perder. Contudo a Imperatriz era responsável e estava decidida a lutar pelo seu reino. Jingu representa, portanto, a Mulher Selvagem, aquela que sabe que:

Ser forte não significa exercitar os músculos. Significa encontrar seu próprio brilho sem fugir, vivendo ativamente com a natureza selvagem de uma maneira própria. Significa ser capaz de aprender, ser capaz de defender o que sabemos. Significa se manter e viver. (ESTÉS, 1994, p.123).

E além do mais Jingu tinha outro e mais importante motivo para ser forte e lutar: sua gravidez. Assim como os lobos, Jingu defenderia seu “filhote”, totalmente dependente dela, e sua “matilha”, o Japão.

Na sequência da história, um pequeno grupo de marinheiros, mesmo temerosos, acompanhou Jingu até o navio mais resistente da frota, e embarcaram sobre os olhares perplexos do exército japonês. O que ninguém sabia era que na noite anterior a Imperatriz havia recebido a visita de Umi, o Dragão do Mar, que a protegia desde pequena, Umi durante um sonho contou sobre os poderes contidos nas contas de Jade, ofertadas a Jingu na cerimônia de coroação, Jingu guardou as cotas no seu quimono de seda. Pode-se associar Umi à invocação da intuição da *Mulher Selvagem*.

Como momento de embate, a narrativa apresenta que, após alguns dias navegando, Jingu chega à costa do reino rival. Não era possível avistar a areia da praia pois o exército inimigo ocupava toda faixa, eram numerosos, entoavam gritos de guerra e fuzilavam Jingu com o olhar.

A história segue contando que o exército inimigo já cantava vitória, entretanto a Imperatriz tranquilamente tirou a primeira pedra de jade do quimono apertando-a contra a palma da mão, as águas do mar secaram, peixes e baleias se batiam aflitos sobre a areia.

O exército inimigo acreditou ser um milagre, uma oferta dos deuses da guerra que entregaram a Imperatriz do Japão à sua nação. Marcharam com toda velocidade lançando lanças e espadas afiadas no navio encalhado, ao passo que Jingu tirou a segunda pedra de jade do seu bolso e apertou-a com a mão direita, nesse momento as águas subiram varrendo o exército inimigo sem piedade, os soldados se debatiam veementemente contra as ondas pedindo socorro. Jingu então disse: “Renda-se, Comandante! [...] E pouparei seu exército.”(TOKITAKA, 2017, p,24) Ou seja, Jingu ainda dá chances de vida ao inimigo, demonstrando mais consideração à clemência do que à vitória. O comandante cabisbaixo, derrotado, disse “- Feiticeira Jingu, o reino é seu”.

O arquétipo da mulher feiticeira remete àquela que tem o poder de construir e destruir tudo, aquela que, ao longo da sociedade patriarcal, foi desprezada, rejeitada, vista como irracional e primitiva. Entretanto quando a mulher aceita o seu lado feiticeira, ela está a aceitar a si mesma e a permitir o contato real com o instinto da *Mulher selvagem*. Como aponta Estés, qualquer aspecto que a cultura considere apavorantes nas psiques das mulheres são as bênçãos que elas mais precisam resgatar e trazer à superfície.

Jingu aceita seu lado selvagem, seu lado feiticeira, e o melhor, não se ampara em nenhuma figura masculina, sendo que o único homem de sua vida é seu filho, aquele que depende totalmente dela.

- Quantos territórios conquistaremos juntos nesses nove meses filho? sussurrou olhando para baixo[...] Que bom que não estarei sozinha! [...] Se dependesse de Jingu, o país estaria tão seguro quanto aquela futura criança dentro do seu ventre.(TOKITAKA, 2017, p.25)

Jingu apresenta o arquétipo da Mulher Selvagem protetora, pois é aquela que protege seu filho, que não mata o exército inimigo, mas permite que se salvem e sobretudo é aquela que protege a sua matilha ou seja o seu lar: o Japão.

4. YENNENGA: A MULHER SELVAGEM QUE LUTA

Esta narrativa é uma história pertencente à cultura africana, de Gana, tendo como personagem central a princesa Yennenga, que desde os quatorze anos acompanhava seu pai, o imperador Nedega, em todas as guerras. Desde adolescente já tinha seu próprio batalhão, homens temperamentais, porém obedientes como ovelhas à voz daquela moça. O exército em geral enxergava aquela comandante como a mais inteligente que já haviam seguido, todos a adoravam. Entretanto aquela competente guerreira não queria mais guerrear e fez o pedido a seu pai. Nedega negou o seu pedido alegando, que todos os comandantes detestavam a guerra, mas nenhum poderia abandoná-la. A exemplo de muitas culturas, o pai de Yennenga nutre expectativas de que sua filha é ou será um certo tipo de pessoa, que agirá de uma determinada maneira consagrada pelo tempo e pela comunidade, ou seja, ela deve se “adequar”.

Nessa narrativa pertencente ao oriente, há uma “quebra”, do natural, pois o pai de Yennenga solicita que a filha não abandone seu posto de comandante e guerreira.

Como arquétipo da *Mulher Selvagem*, Yennenga, que detestava receber ordens com as quais não concordava, então chamou seu pai para juntos olharem a plantação de trigo, indagando seu pai sobre se a plantação estaria boa para colheita. Nedega disse que não, pois se fosse colhida naquele momento, os grãos apodreceriam. A comandante, segura de si, disse a

seu pai: “Eu mesma plantei este campo, meu pai, há algumas estações. A história dele é a minha. Sinto que, se eu não abandonar o campo de batalha, minha alma morrerá, exatamente como esse trigo” (TOKITAKA, 2017, p.53). Nesse momento, Yennenga sabia que precisava preservar sua identidade, seguir sua intuição, caso contrário seria excluída de si, ser ela mesma a afastaria de muitos, no entanto ser o que os outros gostariam que ela fosse a isolaria dela mesma. A exemplo do campo de trigo, quando a *Mulher Selvagem* não nutre sua intuição, quando escolhe ser gentil ao invés de esperta, quando decide ser conivente por estar em condições repressoras ela está fadada a morrer. Como aponta Estés “Embora a mulher sinta que, se for ela mesma, estará se afastando dos outros, é exatamente essa tensão psíquica que é necessária para criar e promover mudanças” (ESTÉS, 1994, p.144).

Para não acabar isolada de sua natureza Selvagem, a qual não deseja mais guerrear, Yennenga decide lutar por sua liberdade, demonstrando, assim, forte apreço por sua intuição, a qual não permite que ninguém reprima seus comportamentos, ideias, opiniões, valores ideais. Ou seja, não permite que uma pessoa externa a ela mesma determine suas escolhas.

Percebendo que seu pai não mudaria de opinião, que continuaria a vê-la como apenas uma guerreira, não enxergando que ali havia também uma mulher, Yennenga sabia que deveria agir por conta própria. “Se viver naquele reino significasse lutar eternamente, ela teria de buscar seu próprio caminho em outro lugar” (TOKITAKA, 2017, p.56). Sendo assim, na manhã seguinte, cortou suas tranças e, usando vestimentas masculinas, passou completamente despercebida pelos guerreiros com que ela havia comandado em diversas batalhas. Yennenga pensou: “Homens tem, de fato a vista curta!. Quando me casar, escolherei aquele que puder observar o mundo com atenção.” (idem, ibidem).

Um novo fato se apresenta: Yennenga fugiu pela floresta, após caminhar um pouco, resolveu cochilar debaixo de uma paineira carregada de flores avermelhadas e com o tronco cheio de espinhos. No entanto, seu sono foi interrompido quando a guerreira sentiu que uma manada de elefantes ocuparia o terreno. Alguém gritou para a guerreira: “Permaneça onde está! Vou conduzir a manada para outra direção” (idem, ibidem). Aquela figura estranha era um rapaz, que se aproximou da princesa com um sorriso largo e uma lança nas mãos.

A guerreira perguntou como aquele caçador de elefantes a reconheceu, já que ela pensou estar irreconhecível. Ele a contestou dizendo:

- Quem, nessa terra, desconhece a corajosa Yennenga? [...] - Meu nome é Ouedraogo, e só um tolo cego não a reconheceria, Yennenga. Vestida como uma princesa ou um pescador, seus olhos são os mesmos, e a coragem também. Deixe-me acompanhá-la pela floresta e contar os segredos e as

histórias destas árvores. Você poderá, em troca, me contar sobre as grandes batalhas em que lutou. (idem, ibidem)

Naquele momento, aquela mulher presentiu que os dois caminhariam juntos por muitos anos e que sua vida havia naquele instante recomeçado. Percebeu que aquele caçador de elefantes respeitou a sua natureza primitiva selvagem. Conforme a construção arquetípica apontada por Estés, para amar uma mulher, o parceiro deve também amar sua natureza primitiva. Ouedraogo olhou-a com o olhar de reconhecimento, não a vendo como superior ou inferior, e sim como uma igual:

Ter um companheiro/amigo que a considere como uma criatura viva em crescimento, tanto quanto um árvore cresce a partir do chão, uma planta ornamental dentro de casa ou um roseiral no quintal... ter um companheiro e amigos que a considerem um verdadeiro ser que vive e respira, que é humano mas também composto de elementos delicados, úmidos e mágicos... um companheiro e amigos que apoiem a criatura que existe em você... são essas as pessoas por quem você está procurando. Elas serão amigas da sua alma pela vida afora (ESTÉS, 1994, p.143).

Yennenga sabia que aquele homem seria amigo de sua alma pela vida afora e que assim como ela aceitaria “seus espinhos de guerreira, mas aceitaria de bom grado as flores, também, como a grande paineira.” (TOKITAKA,2017, p.58)

Ouedraogo apresenta-se não como superior ou inferior a Yennenga e sim semelhante, como aponta Beauvoir: “Quanto mais o homem se individualiza e reivindica sua individualidade, mais reconhece em sua companheira um indivíduo e uma liberdade.” (BEAUVOIR, 1980, p.235) Reconhecendo a guerreira, aceitando- a como ela era, valorizando sua liberdade e sendo amigo de sua alma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise elencou, primeiramente, um estudo em relação aos mitos, os quais possibilitaram perceber que os mitos, com toda sua simbologia, eram valiosos transmissores de valores e comportamentos para uma cultura e uma sociedade. Revisitou o papel da mulher na sociedade, papel esse que era contado a partir de olhos masculinos os quais destacavam tão somente a fragilidade a submissão das mulheres, em relação aos seus “Senhores” (Homens).

E sobretudo elencou e analisou três narrativas mitológicas, recontadas na contemporaneidade: “A Imperatriz Jingu e as contas de Jade”, “A vida Selvagem de Ártemis” e “A fuga de Yennenga”. Todas elas evidenciam a mulher não como um ser frágil e sim como um ser selvagem, dotado de responsabilidade e empoderamento para viver sua vida conforme

sua natureza instintiva, mulheres que buscam sua independência em mundo feito de e para os homens.

Portanto, esse estudo possibilitou uma análise das raízes primitivas das mulheres selvagens. Sendo que um dos caminhos possíveis seria pela evocação dessas histórias, pela afirmação (ou busca pela afirmação) que existe na literatura feminina, e que está presente desde o início dos tempos nessas narrativas mitológicas. Aquelas mulheres que não permitem mais serem descritas como submissas, mas sim que sempre lutaram por um espaço que sempre foi seu de direito. Assim, como salienta Estés, *a Mulher selvagem* vem do futuro e do início dos tempos. É aquela que vive no passado e é evocada por nós. Vive no presente e tem um lugar à nossa mesa, fica atrás de nós numa fila e segue à nossa frente quando dirigimos na estrada. Ela vive no futuro e volta no tempo para nos encontrar agora. (cf. ESTÉS, 1994, p.28) Ou seja, há uma conexão dos tempos presentes com as mitologias ancestrais, em que deusas e heroínas se tornam símbolos da força feminina, e isso ecoa através de eras acaba por irmanar todas as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A Experiência Vivida.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de Fadas: símbolos mitos arquétipos.** São Paulo: DCL, 2003.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Tradução de Waldéa Barcellos; Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RAMNOUX, Clemence. **Mitológica do tempo presente.** In: LUCCIONI, Gennie [et al.] **Atualidade do mito.** Trad: Carlos Arthur do Nascimento. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

TOKITAKA, Janaína. **Princesas Guerreiras.** 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista.** In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Maringá: EDUEM, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
 CAMPUS REALEZA/PR
 GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL -
 LICENCIATURA

RELATÓRIO DE DEFESA

Aos cinco dias do mês de julho de 2018, no auditório do Bloco A da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza/PR, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) acadêmico(a) Aline Aparecida Gluszcak, intitulado: "NARRATIVAS MITOLÓGICAS E O GÊNERO FEMININO: A FORÇA ETERNA DA MULHER SELVAGEM". Após declarada aberta a sessão, o(a) Presidente passou a palavra ao(à) acadêmico(a) para exposição e a seguir aos examinadores para as devidas arguições. Em seguida, a Banca Examinadora proclamou o resultado:

NOME DOS PARTICIPANTES DA BANCA:

1. Saulo Gomes Trunfo (Presidente)
2. Andriana Linderman de Souza
3. Karla Renato Mendes

RESULTADO FINAL: Aprovada

PARECER DA BANCA EXAMINADORA:

O artigo está com boa redação, e sugere-se que, após revisão dos apontamentos, publique-se.

Realeza, 05 de julho de 2018.

Saulo Gomes Trunfo
Andriana Linderman de Souza

[Assinaturas da banca.]